

## Comadre e compadre: estudo das relações de compadrio no campesinato do município de Patos de Minas – MG (1950-2017)

*Comadre and compadre: study of the compadrio relations in the  
peasantry in the municipality of Patos de Minas - MG (1950-2017)*

*Vinícius G. de Freitas Silva*

Discente do curso de História (UNIPAM)  
E-mail: [viniciushistoria@outlook.com](mailto:viniciushistoria@outlook.com)

*Thiago Lemos Silva*

Professor orientador (UNIPAM)  
E-mail: [thiagols@unipam.edu.br](mailto:thiagols@unipam.edu.br)

---

**Resumo:** O trabalho visa a abordar as relações de compadrio no meio rural de Patos de Minas-MG, entre os anos de 1950 até os idos de 2017. A partir de fontes orais e bibliográficas, tentou-se compreender os significados que essa relação social tem para o desenvolvimento da população campestre, sua inscrição no interior do capitalismo desenvolvimentista e as rupturas e permanências pelas quais passou na segunda metade do século e na primeira metade do século XXI.

**Palavras-chave:** Compadrio. Cultura. Campesinato. Patos de Minas.

**Abstract:** The work aims to address the relations of cronyism in the rural environment of Patos de Minas-MG, between the years 1950 to 2017. From oral and bibliographic sources, we have tried to understand the meanings that this social relationship has for the development of the peasant population, its inscription in the interior of the developmental capitalism and the ruptures and permanences that it went through in the second half of the century and in the first half of the 21st century.

**Keywords:** Cronyism. Culture. Peasantry. Patos de Minas.

---

### INTRODUÇÃO

Uma breve sondagem nas origens da história de Patos de Minas permite-nos vislumbrar, com relativa facilidade, a importância da cultura campestre para o processo de construção da identidade local. Tal destaque é imprescindível para denotar certas relações sociogrupais, que se desenvolveram no interior desse mundo rural, as quais se mostram pertinentes em seu *modus operandi*. Essas relações podem ser vistas na prática do compadrio, a qual foi sendo apropriada e ressignificada de diversas formas ao longo das gerações que vivenciam a prática da cultura campestre.

A referida pesquisa teve como recorte espacial o meio rural de Patos de Minas e como recorte temporal as décadas de 1950-2010. A partir desses marcos buscou-se interrogar os significados que o compadrio tem para o desenvolvimento da população campesina, sua inscrição no interior do capitalismo desenvolvimentista e as rupturas e permanências pelas quais passou na segunda metade do século e na primeira metade do século XXI.

Para uma melhor averiguação dessa prática, foi feito o uso de relatos orais que foram coletados entre pessoas oriundas do meio rural que vivenciaram as mutações da prática do compadrio. Aliado a isso, o trabalho se valeu de extensa bibliografia especializada sobre o tema.

Ao fim e ao cabo da pesquisa, concluiu-se que se antes o compadrio era entendido como um mecanismo de solidariedade vicinal e/ou de ascensão social, na contemporaneidade ele se converte numa forma de rememorar o significado ímpar de tempos e espaços que não voltam mais.

## A PRÁTICA DO COMPADRIO: DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA

Por compadrio, pode-se definir como “uma garantia de auxílio recíproco entre duas gerações, além de desempenhar o mesmo papel ao nível de uma mesma geração, isto é, ‘entre compadres’” (POEL, 2013). Na realidade, trata-se de uma série de relações sociais que evidenciam um caráter de reciprocidade e intimidade entre as partes envolvidas, visto que elas se ordenam em uma rede de fatores com nuances sociais e espirituais que coadunam para uma unidade básica de relação social. Por isso, como sustentáculo de toda essa estrutura, vê-se a utilização de ritos sacros, a fim de validar o conjunto de relações sociais.

O compadrio se apresenta como uma problemática que cabe ser teorizada, como é trazido por Antônio Augusto Arantes Neto (1975), que alega uma vasta complexidade em torno do ideal-tipo do compadrio, propondo a ocorrência de ideais implícitos na organização compadresca os quais variam de acordo com região e tempo. Outro ponto que Arantes Neto (1975) evidencia é a respeito da ampliação da rede social em que o campesinato está envolvido através da institucionalização do compadrio. O compadrio como instituição evoca a ideia de laços preexistentes, anteriores a ele, que são ressignificados, como pode ser visto em relações de vizinhança que carregam vasto valor afetivo ou de caráter econômico, em relações parentais, entre irmãos ou obedecendo a lógica da família extensa, ou a partir do compadrio, que é um condicionante de fatores que integram entre si.

Entretanto, o complexo de relações vivenciadas no compadrio toma uma conotação de maleabilidade definida como “o grau no qual são formadas as coalizões entre pessoas que compartilham muitos interesses ou entre pessoas ligadas por um único interesse.” (WOLF, 1975, p.113). Nesse âmbito, Wolf (1975) sustenta sua teoria por meio de sínteses sobre a organização do compadrio e suas especificidades, em que o autor evidencia a ocorrência de vários aspectos que forjam essa amálgama. Esses aspectos são mais mundanos, como relações de trocas econômicas ou trabalho vicinal, entre as que

são permeadas pela esfera religiosa como legitimadora da conjuntura na qual se encontram.

Tendo em vista o compadrio ser um aspecto fundante de relações sociais baseadas em dimensões espirituais, em que a afetividade perpassa boa parte da organização *in loco*, faz-se necessário investigar as vertentes dessa prática em variados ritos de passagem da população campesina. A maioria desses ritos é baseada no catolicismo tradicional, como o batismo, a crisma e o casamento, entre outros na religiosidade popular, caracterizados por festas de santos, as quais ganham grande significância em sua realização, como é o caso do batismo de fogueira.

Esse parentesco ritual é organizado por um conjunto de normas, que se encontram intimamente ligadas a convenções vigentes entre padrinho e afilhado, que são ligados por elos desse parentesco a partir do momento em que ocorre o ritual.

O escolhido (padrinho) agradece, aceita, e dirá aos outros que tal dia vai *levar* o filho de fulano. Dirá mais tarde que o *levou* - o verbo *levar* significando, neste contexto, ser *Padrinho*. As obrigações deste são atualmente as seguintes: 1- Dar roupa do batismo, 2- Pagar a taxa, 3- Conduzir o batizando à Vila, ida e volta, 4- Oferecer pinga ou cerveja ao pai que nem sempre comparece. Estando a mãe sempre ausente por força do resguardo [...], a ausência eventual do pai assinala a confiança, a verdadeira partilha de paternidade implicada no compadresco e manifestada desde logo sob a forma desta entrega total. (CÂNDIDO, 2010, p.282, grifos do autor)

Esse ato gera uma série de normas de convívio, como o zelo do afilhado para com os padrinhos, tratando-os com o máximo de respeito, como se fossem os pais biológicos, sendo considerados “pais espirituais”.

Fato de extrema importância para a análise das relações de compadrio diz respeito a uma possível hierarquização nas relações de troca entre os compadres e as comadres, tendo grande significado para ambas as extremidades da relação, sendo o afilhado, nesse ponto, um fator de coesão entre extremidades de situação econômico-antagônica e/ou entre pares.

## O COMPADRIO EM PATOS DE MINAS: USOS E DESUSOS

Para compreender o compadrio em Patos de Minas, deve-se analisar a transformação socioeconômica na região de Patos de Minas a partir dos anos 1950, a fim de excursionar pelos trâmites histórico-culturais da prática elucidada. Para isso, fica em voga o processo de crescimento acentuado que a região de Patos de Minas viveu após a referida década, que foi marcado fortemente pelo capitalismo desenvolvimentista no cerrado mineiro.

Tal projeto se fez marcar em Patos de Minas por avanços no que tange à produção de grãos, especialmente o milho. Sobre esse avanço no desenvolvimento agrícola em nível municipal, é necessário destacar que, segundo Coêlho e Santos (2017),

grande parte desse desenvolvimento ficou relegada a estudos na região sobre a potencialidade agrícola, bem como a experimentos liderados pela Estação Experimental de Sertãozinho com o milho híbrido e, conseqüentemente, a criação da Agroceres. Repousando sobre essa lógica agrícola e todo o processo de desenvolvimento pela qual a região estava passando, é importante vislumbrar a problemática que o choque cultural entre o “novo” e o “tradicional” causaria na população rural. Este “choque de culturas” é teorizado por Maria Clara Tomaz Machado (1998) nos seguintes termos:

Considera-se particularmente rico o momento em que cultura popular e desenvolvimentismo se defrontam como caminhos cruzados de um mesmo tempo, pois permitiu-nos detectar no imaginário social e na vivência cotidiana do lugar as práticas, que, por força da memória ou da tradição, persistiram, mesmo que recriadas ou transfiguradas e as que foram desagregadas, sobrevivendo como fragmentos do passado. (MACHADO, 1998)

É válido notar que, com o avanço do capitalismo desenvolvimentista na região, a organização social do trabalho passa por um processo sensível de mudanças. De uma organização que primava por mutirões, como é evidenciado por Mello (2008), em que havia a reunião de vizinhos para a feitura do trabalho agrícola de subsistência, como a preparação da terra, o plantio, a colheita, etc, assistimos a mudança, para uma organização centrada na figura de um proprietário (com extensas terras cultiváveis voltadas para a produção de alimentos através da meação).

Com esse caráter, vemos no compadrio um papel de amálgama, que justifica um “fim por um meio”. Dessa forma, vê-se o compadrio como um agente legitimizador da organização operante. Se antes o compadrio entre vizinhos era constituído para ajudas em mutirões, a partir de uma mudança na lógica produtora com fortes traços desenvolvimentistas, vê-se o compadrio como agente operador para a meação de terras.

Nesse contexto, é de grande importância denotar as características que o compadrio apresenta na referida região. Faz-se necessário analisar tal problemática sob a ótica de Antônio Cândido, que alega:

Hoje a dimensão econômica avultou até desequilibrar a situação antiga. A expansão do mercado capitalista não apenas força o caipira a multiplicar o esforço físico, mas tende a atrofiar as formas coletivas de organização do trabalho (mormente ajuda mútua), cortando as possibilidades de uma sociabilidade mais viva e de uma cultura harmônica. Entregue cada vez mais a si mesmo, o trabalhador é projetado do âmbito comunitário para a esfera de influência da economia regional, individualizando-se. Condição de eficácia e, portanto, sobrevivência, é a renúncia aos padrões anteriores e a aceitação plena do trabalho integral, isto é, trabalho com exclusão das atividades outrora florescentes e necessárias à integração adequada. Quem não faz assim deve abandonar o campo pela cidade, ou mergulhar nas etapas mais acentuadas de desorganização, que conduzem à anomia. Isto se torna claro ao estudarmos a situação de cada membro do grupo em apreço, paten-teando-se a interdependência

do ritmo do trabalho, vida cultural e equilíbrio econômico (CANDIDO, 2010, p. 194).

Acerca do compadrio, é necessário verificar o aspecto que a relação de solidariedade exerce no imaginário local. Partindo desse ponto, a senhora Maria Silva, moradora da comunidade Cabeceira do Chumbo, pertencente ao município de Patos de Minas, evidencia:

As relação entre compadre, comadre e afilhado é muito importante pra nós né! Criança que não tem padrin não prospera, seja na igreja, seja fora dela né, a figura do padrin é muito importante, ele que ajuda na falta dos pais, ele que dá os presente melhor, ele que dá base, ele é tão importante que às vez é um segundo pai [sic]. (SILVA, 2019)

Tendo por base essa sustentação do significado por ditames religiosos, é necessário considerar a região estudada como grande praticante do catolicismo, bem como de seus aspectos ritualísticos. Algo que se liga com o compadrio de forma íntima conforme se vê em ritos institucionalizados como o batismo, a eucaristia, a crisma e o casamento, e em ritos que são ramificações do catolicismo popular, cabendo destacar a madrinha de apresentação no batismo e o próprio batizado de fogueira. Tais elementos aparecem na fala Senhora Maria Silva:

Aqui na nossa região, a madrinha e o padrin de fogueira tem tanta importância que são iguais os de batismo de Igreja, sabe... ocê tem que pedir bença, tratar com todo respeito, pois é muito importante seu papel, eles também é segundo pai, segunda mãe, tudo merece respeito [sic]. (SILVA, 2009)

Outro fato notável nesse sentido diz respeito a esses ritos perpetuados como costume. Esse contraponto é de suma importância a fim de se averiguar o papel da legitimação da esfera religiosa na organização social. O costume pode ser entendido como um mecanismo que necessita de uma aceitação do grupo social, a fim de ser validado como lei e ser reconhecido genuinamente (PITT RIVERS, 1968, p.412, *apud* ARANTES NETO, 1975 ). Em conexão com essa noção de costume, Hobsbawn e Ranger (2008), acerca da tradição, apresenta a seguinte visão:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWN, 2008)

Através de um olhar histórico, como visto em Edward Palmer Thompson (1998), entendemos a percepção histórica desse problema teórico. Assim, ele postula que

as práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes, As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares”(THOMPSON, 1998)

Assim, denota-se a grande necessidade de entender a problemática do costume e sua transmissão por narrativas orais, como e por que tais vivências são transmitidas, seus usos e desusos, sempre se aliando ao pensamento de necessidade e utilidade. Tendo por base a problemática do costume, é interessante observar como ela permeia a formação socioeconômica da região, sendo a população local pertencente ao que Cândido (2010) define por *caipira*. Em seu entendimento, o caipira seria o agente social isolado, formado através dos sincretismos estruturados nos rincões bucólicos do cerrado brasileiro. “A cultura do caipira”, argumenta Cândido é

como a do primitivo, não foi feita para o progresso: a sua mudança é o seu fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social, que a alteração destes provoca a derrocada das formas de cultura por eles condicionada. (CÂNDIDO, 2010, p.107)

O autor supracitado via no progressismo um entrave para a preservação cultural do campesinato, sustentando que o choque entre a economia de subsistência e a economia de mercado apagaría os traços essenciais dessa cultura. Nesse contexto, vemos que a expansão econômica a partir dos idos de 1970 altera grande parte do que é entendido pelas relações sociais, como pode ser visto na fala do senhor Osmar do Amaral:

Quando criança a realidade era diferente, era muito pobre aqui, tínhamos pouco trabalho, era só na terra de três fazendeiros mais importante, três patrão! Pagavam muito mal, geralmente em alimento, quase não tinha o dinheiro. A gente tocava muita roça por lá, sabe, todos meus irmãos e vizinhos aqui da Cabeceira tocava roça lá, vinha gente do Barro Preto também, tudo meeiro! [sic] (AMARAL, 2019)

É importante verificar as transformações da região em questão, caracterizada pelo cerrado, que sofreu as ações humanas a fim de se instaurar um processo de modernização capitalista no meio rural. Faz-se necessário frisar que

em Minas, a transformação dos cerrados – até então conhecidos como terra de péssimo uso para a agricultura intensiva – em terras produtivas e lucrativas com colheitas de grãos para exportação e com super-safras, só foi possível a partir de 1975 com a implementação do Programa de Desenvolvimento dos Cerrados-Polo Centro - que era um dos subprojetos do II PND. Para tal, foram necessários vultuosos investimentos, que financiaram projetos em condições econômicas subsidiadas pelo governo federal, por isso, extremamente atraentes e só acessíveis a uma parcela restrita de agropecuaristas, em sua maioria detentores de grandes propriedades de terra. (MACHADO, 1998, p.38)

Nesse momento de transição econômica na região, destaca-se a visão dos ditos fazendeiros, referenciados como “patrões”, sendo que se pode interpretar, em conjunção com a fala do entrevistado Osmar do Amaral, um aspecto fundado por bases que se sustentam na lógica do patronismo.

Esse aspecto resulta em grandes desafios para a questão sociocultural da região, em um momento no qual ocorrem grandes rupturas, as quais se mostram ventiladoras de novos ares na região do cerrado mineiro, no que tange ao uso da terra até então tida como improdutiva. Machado (1998) aborda que tal uso foi operante através de financiamentos que fomentaram o desenvolvimento na região. Salta aos olhos uma preocupação do entrevistado Osmar do Amaral em mostrar a realidade vivenciada como parte de um sistema que dava poucas oportunidades para a produção e reforçava o imaginário constituído de grande sentimentalismo pela ausência de posses e de melhores condições. Isso fazia, por sua vez, com que os meeiros buscassem se apoiar em latifundiários como um mecanismo para a produção agrícola. Sobre isso, o senhor Osmar do Amaral aponta que

na minha época de criança, eu via eles plantar em todas essas fazenda dos patrão, era coisa de doido, antes não se plantava um pé de milho aqui, depois começou a plantar uns lavourão! Era bão e ruim. Era boa a fartura que tinha, e ruim porque os patrão, que também era nossos padrinho, ficava com metade. Mas em vista do que era entes, foi um tempo até bão [sic]. (AMARAL, 2019)

Como forma de sobressair frente a essa exploração, ocorreu, no interior das camadas campestinas, a utilização do compadrio como forma de criar vínculos. Para tanto, é necessário visualizar o compadrio em uma esfera ampla.

Devemos postular a existência de enorme heterogeneidade nas relações compadrescas, a ponto de se afirmar, com base em Arantes Neto (1975), que elas são permeadas de importância no que tange a aspectos socioeconômicos. Em relação ao compadrio, há a existência de relações verticais e horizontais, como explica Ellen Woortmann:

Desde o primeiro ângulo, o compadrio é “horizontal” e “intensivo”, isto é, os pais [...] convidam para padrinhos de seus filhos pessoas do mesmo status social que eles mesmos [...] A horizontalidade é apenas uma consequência do fechamento do Sítio a ‘estranhos’. O compadrio “extensivo”, pelo contrário, recrutando compadres fora do círculo de parentes, amplia a rede de relações de solidariedade, criando vínculos alternativos e análogos ao parentesco. Já o compadrio “vertical”, que implica relações com pessoas de status superior, caracteriza relações de patronagem, ou pelo menos uma ideologia de patronagem. (WOORTMANN, 1995, p. 294)

Através desses contratos diádicos, podemos ver que eles estão, segundo Arantes Neto (1975, p.10), “[...]validados por obrigações recíprocas expressas na troca de

bens e serviços”. Assim, em total concordo com a premissa, observa-se a relação horizontal entre compadrios se manifestar de forma intensa nas relações entre vizinhos de mesmo *status* econômico, sobretudo em momentos em que o trabalho a ser realizado demanda a solidariedade de outros indivíduos. Segundo Osmar do Amaral,

a relação era boa demais da conta. Meu pai tinha um cumpadre que eles davam bem demais, ia lá, visitava, ficava até tarde, quando o pai ia trabalhá, ele ajudava demais, do mesmo jeito que meu pai ajudava ele quando ele precisava. Ele ajudava meu pai quando ia colhê o que plantou, aí sempre depois do trabalho, ele ia ficava lá em casa mesmo, sempre tratando meu pai com respeito e vice-versa[sic]. (AMARAL, 2019)

Cabe, neste ponto, destacar o caráter nostálgico em que o entrevistado se encontra, mostrando um imaginário carregado de saudade frente às mudanças pelas quais o compadrio, bem como toda a organização campestre, passou durante o tempo. Ainda sobre a organização dos ditames que envolvem a prática do compadrio horizontal nas camadas com menor poder aquisitivo, cabe notar as díades que permeiam as relações. Na relação entre compadres, nota-se um grande respeito quanto a um código moral, principalmente no que pode ser visto como um mutualismo entre as partes quanto à organização da produção agrícola, como plantio e debulha, dentre outras, algo que vale ainda como uma característica desse código moral.

Cabe evidenciar também o zelo e o afeto que o afilhado deve ter para com o padrinho. Um fato que evidencia esse caráter é o ato de pedir “bença” (a benção), voltando-se assim à ótica de que o padrinho é em si um pai espiritual, tendo, por esses motivos, o afilhado com o padrinho respeito semelhante ao que tem com pais biológicos. O Senhor Osmar do Amaral alega que “os afilhados tinham que ter grande respeito com o padrinho... sempre pedir bença e tudo mais, porque padrinho é segundo pai [sic]”.

Outra questão que é passível de atenção diz respeito às relações de compadrio em um modo verticalizado, como foi evidenciado a partir da década de 1950 na comunidade então estudada. A estrutura da sociedade estava imersa em uma organização que ligava pessoas de diferentes extratos econômicos em torno do compadrio, trazendo à tona uma forma de relação que se pauta na manutenção do status econômico. Tal efeito é trazido pelo Senhor Osmar do Amaral: “Aqui antigamente, os padrinhos eram os três mais ricos que eu disse antes, todo casamento que tinha, eles que eram padrinhos[sic]”.

É presenciado, neste ponto, um certo favorecimento das classes mais abastadas para o apadrinhamento, o que se insere na lógica da meação da terra do padrinho. Há um maior favorecimento à produção agrícola em detrimento à de outros indivíduos, que não possuem ligação direta com o latifundiário.

Sobre a meação, é preciso evidenciar o caráter de exploração da referida prática. Por meação, entende-se, segundo Cândido (2010), como a organização da produção agrícola em terras de terceiros, sendo que parte dessa produção (ou valor dela) deverá ficar com o proprietário das terras. A partir desse aspecto, entende-se, através da fala de Osmar Amaral, o caráter do compadrio dentro da problemática da meação.

Nossa! Nessa época de meação era complicado sabe, você tinha a vantagem de ter um espaço pra você poder plantar, colher sua produção, isso era muito bom, só que a produção de tudo isso era na terra de outra pessoa, nós plantava feijão, milho, arroz, tudo na terra dos outro, e com isso tínhamos de dar tanta quantidade do que produzimos para o “patrão” né, nós não importava em dar parte da produção para os patrão não, no caso eles era nossos padrin, só que como você sabe, o problema era que as família era muito grande e aí por conta de ceder parte da produção para o padrinho, uns acabavam tendo menos para dar para os filhos [sic]. (AMARAL, 2019)

Salta aos olhos como é conflituosa a díade padrinho-afilhado, sobre a ótica do compadrio vertical. O afilhado em questão possui a certeza de sua alienação perante os fatores que estão engendrados no compadrio, entretanto sente-se acorrentado entre a questão moral- religiosa a que está submetido e a lógica mercantil, que o força a buscar novas formas de sobrevivência.

A série de problemas do compadrio se mostra muito forte no decorrer do limiar temporal, sofrendo rupturas importantes com o tempo, caindo em certo desuso, tornando-se um mecanismo de resistência a um fragmento cultural, como mostrado pelo Senhor Osmar do Amaral:

Nossa, hoje a gente vê que padrin, madrinha, não tem importância nenhuma para os afilhado. Cabou aquele trem de pedir bença, de zelar com respeito do padrinho, ah, isso não existe mais, é muito triste isso, hoje vemos que tem afilhado que não faz conta do padrin, as vez, o afilhado não conhece o padrinho e a madrinha de batismo, é coisa mais desrespeitosa que tem, nossa, e pensar que os padrinhos são os segundos pais. Tem vez, quando isso acontece, é triste demais, o afilhado conhece os padrin mas num respeita. Isso é a coisa mais triste do mundo [sic]. (AMARAL, 2019)

Neste ponto, é possível interrogar como o compadrio é interpretado hoje e como todas essas transformações modificaram a forma do imaginário que o informa. De uma relação de cunho fortemente vicinal, o compadrio passou a ser uma prática em desuso, agravada por relações de mercado, isolamento dos indivíduos e êxodo para os centros urbanos. O Senhor Osmar do Amaral apresenta que

hoje o pouco que se resta de compadrio, funciona assim... pelo menos por aqui, nessa região. O recém-nascido é batizado, porque não se pode ter filho pagão, né! Depois de batizado, a criança geralmente tem pouco convívio com os padrin, procura a Igreja só depois que vai fazer Eucaristia e Crisma, vive longe da Igreja e dos padrinhos. Depois quando há de casá, tende a procurar a Igreja e se casar, mas o trato com os padrin continua o mesmo, aquela distância enorme, sabe, parece até que tem padrinho só para ter o padrinho. Não tem afeto. Mesma coisa é o padrinho com o afilhado, hoje não tem consideração. Antigamente

tinha muita consideração com o afilhado, de dar presente e tudo mais, eu dava muito presente para o meu afilhado, hoje em dia, quem diz que ele faz conta de mim?! [sic] (AMARAL, 2019)

Na sociedade campestre estudada, vê-se um grande tradicionalismo atinente a como era praticada tal relação, um saudosismo nas raízes do compadrio e nas suas formas de apropriação, seja nas relações vicinais, seja no uso do compadrio como forma de mecanismo de ascensão de *status*, interpretado como favorecimento dado pelo latifundiário para o camponês em questão.

Esse saudosismo é fruto da mudança das estruturas temporais e espaciais nas quais a comunidade em questão está localizada, o que se torna um grande ocasionador das intempéries que se estabelecem nas relações locais, com ditames como economia e religião, que moldam um novo campestre.

Essa problemática do novo campestre repousa em um ser que não se sente identificado com o local em questão, o que irá acarretar um descontentamento com a realidade na qual se vive. Tal fato é perceptível em um deslocamento para centros urbanos, ocorrendo a transmissão cultural, a ponto de esse indivíduo entrar em um confronto de vivências e não se identificar com nada a seu redor.

## CONCLUSÃO

Por mais complexo que possa ser o fenômeno do compadrio no cerrado mineiro, pode-se observar um amplo conflito tanto de sua natureza quanto de sua extensão. Por sua essência sagrada, denota o ideal de pais espirituais, que possuem o ditame de serem representantes da fé católica e iniciadores da religião de seus afilhados. Entretanto, a religião é utilizada na região com um simbolismo que atenta em ser vigilante da ordem compadresca local que se instaura como código moral. A ordem local dita o compadrio como uma estruturação de interesses e solidariedade.

Pode-se notar, entre os estratos menos abastados, haver uma preocupação em se utilizar o compadrio como forma de resistência aos avanços da modernização capitalista, tomando a visão de Antônio Cândido (2010), que salienta como anômico o contato da população campestre com a economia de mercado. Diante desse aspecto, o compadrio sublinha contratos horizontais; salientam-se as relações de cunho vertical, relações interclasses que abarcam uma série de conflitos motivados por interesses, seja dos latifundiários (que utilizam de sua grande extensão de terras para exercer influência frente a questões econômicas, como detentores de todos os meios possíveis para a produção), seja dos meeiros (que veem, na titulação do latifundiário como padrinho, uma tentativa de ascensão social, um favorecimento frente aos outros, com o intuito de sobrevivência).

Frente às transformações vividas, o compadrio busca dialogar com o mundo contemporâneo, mostrando uma relação de solidariedade volátil no interior de estruturas muito diferentes daquelas em se originou, tanto em âmbito espacial, que permeia grandes e diversas condições sociais, quanto em âmbito temporal, que se

debruça sobre rupturas e permanências. O compadrio se mostra ora uma instituição firme perante dogmas religiosos, ora volátil frente às necessidades grupais.

Outrora era entendido como um mecanismo de solidariedade vicinal e/ou de ascensão social, usado como forma de resistência; na contemporaneidade, fica relegado à maioria das pessoas que vivenciou o compadrio, como uma forma de rememorar o folclorista.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Osmar do [ago. 2019]. Entrevistador: Vinícius Gonçalves. Patos de Minas, 2019. 1 arquivo mp3 (79 min.).

ARANTES NETO, Antônio Augusto. A sagrada família: uma análise estrutural do compadrio. **Cadernos do IFHC**, UNICAMP, n.5, 1975.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964; 11. edição, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

COELHO, João Otávio de Oliveira; SANTOS, Roberto Carlos dos. "O milho que vale um milhão": a Agrocere e as mudanças na produção agrícola. **Revista Perquirere**, Patos de Minas, v. 14, n. 3, p. 34-50, dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/perquirere/issue/view/111/Revista%20Perquirere%20vol.%2014%2C%20n.%203%2C%20set.dez.%202017>.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. *In*: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A Invenção das Tradições**. 6. ed. Brasil: Paz e Terra, 2008.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais**: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985). 1998. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo, 1998.

MELLO, Antônio de Oliveira. **Patos de Minas, meu bem querer**. 3. ed. Patos de Minas: Edição da Prefeitura Municipal de Patos de Minas- Semed, 2008.

POEL, Francisco van der *In*: POEL, Francisco van der. **Dicionário de religiosidade popular**: cultura e religião no Brasil. 2. ed. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato Brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

SILVA, Maria. [set. 2019]. Entrevistador: Vinícius Gonçalves. Patos de Minas, 2019. 1 arquivo mp3 (15 min.).

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WOLF, Eric R. **Sociedades camponesas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. **Herdeiros, Parentes e Compadres**: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo: Hucitec, 1995.